

DE SOL A SOL

Um concerto

Realizou, há pouco, no Teatro Gil Vicente, o seu primeiro recital de piano, a nossa gentil amiga Suzel Matilde de Pina, juventude em flor e artista de delicada sensibilidade.

E, «Sol Nascente», jornal também de novos, não pode deixar de registar o facto, tanto mais que o meio musical do Pôrto é pobre de manifestações artísticas individuais do valor desta, feitas por gente moça.

Interpretou, com boa técnica, a música profunda de Bach, e a música, grande e sombria, dêsse gênio angustiado que foi Beethoven. Mas sobretudo encantou o auditório, na última parte do seu programa, com música de Rachmaninoff, Tchaikowsky, H. Tôrres e Listz, certamente mais de acôrdo com a sua emotividade simples e delicada.

Em Suzel Matilde de Pina, discípula dilecta de Hernani Tôrres, achamos um senão: o seu campo emocional é estreito, pouco facetado... Mas o próprio fluir da sua vida interior o há-de enriquecer um dia, como sempre sucede aos verdadeiros artistas que, como ela, têm uma técnica perfeita e uma rara intuição da Beleza.

Alberto de Oliveira

Morreu recentemente, quasi com oitenta anos, o poeta brasileiro Alberto de Oliveira.

É cedo ainda para escrever em definitivo sobre a sua personalidade enorme que avulta na literatura brasileira ao lado de estrêlas de primeira grandesa, como Machado de Assis, Coelho Neto, Castro Alves, Olavo Bilac, etc. Nós pensamos em dar também, num futuro próximo, a nossa contribuição para isso, estudando, nestas colunas, essa e outras figuras, expoentes máximos do Brasil, integrando-nos assim no movimento de aproximação luso-brasileira que se pensa agora realizar e cujos pioneiros, entre nós, são João de Barros, Nuno Simões e Casais Monteiro.

O poeta brasileiro, agora falecido, foi quem levantou na sua pátria o pendão da revolta contra o Romantismo, tal como em Portugal o nosso Antero... E se ficou longe de atingir o poeta-filósofo, dos maiores que têm existido, foi contudo um dos poetas brasileiros que teve preocupações filosóficas, cantando a Vida e o Amor em versos de puro lirismo.

Numa das suas poesias Alberto de Oliveira compara a Vida a uma estrada, daquelas estradas que no sertão brasileiro vão dar às fazendas, com uma cancela que bate, sempre que por lá passam os gados e os tropeiros... O coração é a cancela da estrada da nossa vida. E sempre, sempre, quer por la passe um entêrro — sonho que findou — ou um noivado — sonho que se levanta —,

*Bate a cancela da estrada
Constantemente!*

Outras vezes o poeta perde essas inquietações e deixa-se embalar simplesmente no ritmo e plasticidade da forma parnasiana... Descreve então a sua terra em ver-

sos panteístas admiráveis, como é êsse maravilhoso soneto *Magia Selvagem*, onde a selva brasileira surge, cerrada de fabulosos gigantes vegetais enlaçados por cipós, fremente de angústia, suspensa de Mistério, Virgem em flor!...

Anita Patrício e o teatro

Anita Patrício vem desassombradamente a público no n.º 134 de «O Diabo», em defesa dos escritores de teatro português e contra as empresas nacionais, pela forma desanimadora como acolhem os iniciados naquela arte.

A autora apresenta diversos argumentos allicerçados num contacto freqüente com a cena e seus derivados; demonstra, de maneira segura, que não falta em Portugal iniciativa criadora, mas, sim, critério e vontade de incitamento por parte das empresas; cita mesmo originaes de autores portugueses que foram rejeitados sem haverem merecido a honra de uma leitura, emquanto têm sidos levadas ao palco peças estrangeiras cujo entrecho a empresa nem conhece.

Acompanhando Anita Patrício no seu protesto permitimo-nos apresentar uma discordância:

— Assim, porque motivo apresenta a autora, como solução do mal, o lançamento de um imposto sobre as obras estrangeiras que, pelo seu peso, impossibilitasse as empresas de aceitar traduções? Não será esta uma maneira pouco louvável de fazer bom teatro? Porque, um bom tradutor pode ter tanto merecimento como o próprio autor — ¿quem sabe? E não é lógico que nos vejamos privados da matéria estrangeira unicamente para P. P. P.

Devemos, sim, insurgir-nos contra o comercialismo dos nossos empresários que, por acanhada mentalidade não tentam sequer seleccionar trabalhos, independentemente da nacionalidade accidental do autor.

Auxiliemos, sim, o renascimento do teatro português por todos os meios recomendáveis que estiverem ao nosso alcance, mas não queiramos suprimir à força o teatro estrangeiro.

O super Homem

No número correspondente a Dezembro findo, da interessante revista «La Praktiko» assina Lidia Zamenhof um curioso artigo intitulado «La vojo al Superhomo» que traduzimos por: «A caminho do Super homem», no qual a autora faz um ligeiro comentário ao trabalho do Dr. Voronov que quer criar o super homem por meio de injeções applicadas às crianças de 10 anos, de extractos das glândulas dos macacos.

Voronov, entusiasmado, diz que a mãe que permitir a applicação destas injeções nos filhos será a nova Eva da humanidade.

Lidia Zamenhof sem desmerecer o sábio diz que o super homem não pode atingir-se unicamente pela cultura física e apela:

Cientistas do mundo:— Se quereis criar o super homem cultivaí os corações, cultivaí os corações para que êles estejam livres de preconceitos, para que estejam plenos de amor, para que se engrandecam e contenham tôda a humanidade.

SOL
nascente

Secretário de redacção: Afonso de Castro Senda

Administrador: Manuel Azevedo

ASSINATURAS: Série de 5 números, 5 escudos — Série de 10 números, 10 escudos
(Pagamento adiantado)

a 15 e 30 de cada mês

Pôrto, 30 de Janeiro de 1937 — Ano primeiro — Número um

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA